

PORTO E BORDÉUS – CIDADES DO VINHO E DO MUNDO

ANTÓNIO BARROS CARDOSO
FACULDADE DE LETRAS – UNIVERSIDADE DO PORTO

Esta abordagem à história das cidades do Porto e Bordéus pretende mostrar a identidade entre elas a partir de um elemento comum ao seu desenvolvimento – o vinho. Pontos de contacto existem desde a Idade Média, pelas ligações comerciais à Inglaterra, mas também pela afirmação no seio de ambas as urbes de uma burguesia enriquecida que deixa marcas na cultura, no diálogo entre as cidades e as respectivas áreas de influência.

Palavras-chave: Porto, Bordéus, cidades, vinho

This approach to the history of the cities of Porto and Bordeaux intends to show the identity between them from a common element to its development – the wine. Contact points have been around since the middle ages, due to the commercial links to England, but also by the statement, within both large cities, of a rich bourgeoisie that leaves marks on the culture, the dialogue between the cities and their spheres of influence.

Keywords: Porto, Bordéus, cities, wine

As realidades urbanas que nos propomos aqui tratar de forma muito sucinta, têm a ligá-las um elemento comum ao seu desenvolvimento – o Vinho. De facto, trata-se de centros populacionais que em tempos mais recuados foram influenciados pelo fenómeno da romanização que deixou marcas em toda a viticultura europeia, às quais Portugal e a França não escaparam, bem pelo contrário. A influência romana foi responsável pela geração de grandes vinhedos, situados mais perto ou mais longe de centros urbanos consumidores de vinho que, sendo servidos por vias fluviais de penetração do litoral para o interior e abertos ao mar, originaram “cidades do vinho”. Foi o caso do Porto e de Bordéus. Daí a cidades de mundo, foi apenas um passo. De facto, ambas as urbes encontraram nos vinhos produzidos nas respectivas áreas de influência o seu principal embaixador, emprestando o seu próprio nome aos vinhos que faziam e fazem chegar às várias partes do globo, confundindo-se com eles.

1. Percursos paralelos de dois grandes vinhos concorrentes

1.1. Bordéus

Muito embora impulsionadas pelo mesmo motor económico, o vinho, mercadoria âncora de todos os outros negócios, em finais do século XVII, Porto e Bordéus, foram fortemente concorrenciais neste capítulo e no cerne desta concorrência esteve a Inglaterra.

O interesse dos ingleses pelo vinho bordalês remonta ao período da ocupação romana da Bretanha, datam do século I a. c., as primeiras evidências da presença do vinho nas Ilhas Britânicas (Frances 1972, 1). A partir do século VI, há provas de importações regulares de vinho pela Inglaterra e Irlanda que se encontram bem documentadas a partir do século X. O carácter religioso que o produto da uva prensada assumia nas comunidades cristãs (celebrar missa implicava o uso do vinho) fez com que as importações regulares de vinho se mantivessem, isto porque, apesar de as instituições religiosas das Ilhas britânicas terem tentado produção própria (o Domesday Book já menciona 38 vinhedos na área da sua jurisdição), as vindimas não tiveram sucesso na abundância e muito menos na qualidade do vinho. No tempo de Carlos Magno, a Inglaterra importava vinhos de França através do porto de Ruão, provenientes da Ille de France, mas também da Borgonha e da região do Loire (Frances 1972, 3-4).

Eduardo o Confessor (séc.XI), concedeu aos estrangeiros a liberdade de trazerem à Grã-Bretanha os seus vinhos. Após a conquista Normanda, reconhecido este monarca pelos dois lados do Canal da Mancha, fomentou-se sobremaneira o comércio entre o Continente e a Inglaterra, e o vinho começa a ter lugar de primeira grandeza nessas trocas. Os mercadores de vinho de Ruão, construíram então no coração da cidade de Londres atracadouro próprio na desembocadura do Wall Brook (Treveleyan 1990, 99).

O casamento entre Leonor da Aquitânia e Henrique Plantageneta, Duque de Anjou e da Normandia (Séc. XII), resultou em novo alento nas trocas entre os dois lados da Mancha e o vinho bordalês começou a granjear fama nas Ilhas Britânicas. Os mercadores gascões adquirem mesmo durante algum tempo o monopólio do comércio de vinhos em Inglaterra¹. Barcos com carga de cascos de vinho chegavam aí oriundos directamente de Bordéus, da foz do Loire e de La Rochelle. Londres era já o principal porto de entrada de vinhos em Inglaterra, embora Sandwich e Bristol recebessem também alguns cascos, ao passo que o depósito real de vinhos se situava em Southampton (Francis 1972, 11-12).

Este trato permaneceu próspero ainda durante as primeiras três décadas do século XIV. Calcula-se que nesse período tenham entrado nos portos ingleses 82.710 toneis de vinho, 13.000 ao abrigo já do privilégio fiscal de que gozavam os cidadãos de Bordéus, resultando ainda assim para a coroa britânica largos proventos fiscais desse comércio (Simon 1934, 11-12). Depois de 1335, as restrições impostas por Eduardo III à exportação de divisas, faz com que os mercadores de Bordéus diversifiquem o destino dos seus vinhos, fazendo-os rumar aos portos da Liga Hanseática. Entre 1335 e 1368, as exportações para Inglaterra desceram então para cerca de 30.000 pipas, valor que após a declaração da guerra com a França (1369) caíram para as 11000 pipas (Francis 1972, 12). Por essa altura, são os mercadores ingleses que iniciam o seu domínio e começam a enviar a Bordéus navios para adquirirem largas partidas de vinhos, dando início à construção do seu império comercial marítimo em torno deste comércio, concorrendo com gascões, flamengos, genoveses e germânicos (Simon 1934, 3).

Na segunda metade do século XIV, o mercado britânico era já totalmente dominado pelo vinho bordalês. Encontrava apenas alguma concorrência noutros vinhos franceses. No entanto, reputados vinhos provenientes da Alemanha eram igualmente bebidos em Inglaterra, sobretudo vinhos doces (Francis 1872, 15) muito populares nessa época.

Contudo, foi na Época Moderna que os vinhos bordaleses se fincaram de forma mais robusta no mercado inglês. Em 1663, Samuel Pepys (3 semanas depois de ter feito voto de abstinência relativamente à bebida) passou uma noite inteira a beber vinho de Bordéus e escreveu no seu diário: “Bebi uma quantidade de vinho francês denominado Ho Bryan (Haut Brion) que tem um bom sabor, extraordinário, que eu não conhecia”. Estava, provavelmente sem o saber, a referir-se a um dos mais famosos vinhos de Bordéus, produzido na propriedade (château) com o mesmo nome, desde aquela época até aos nossos dias.

1 Em 1212, quando o Rei João-Sem Terra comprou 358 cascos de vinho, a percentagem do vinho Gascão, rondava os 75% (Simon 1934, 2).



Fig. 1 Château Haut Brion

Nessa mesma época, Arnaud Pontac, presidente da Câmara de Bordéus teve a ideia de denominar os vinhos que produzia com a designação do Château – Haut Brion. Foi o primeiro vinho de marca a ser comercializado em Bordéus não a granel, mas já com denominação de origem ligada à propriedade onde nasciam as uvas que o originavam. Talhou-se a partir daqui um mercado de novo – o segmento dos vinhos que fazem a distinção social. Razões do sucesso:

1. O nome - afinal tratava-se de um vinho portador do nome de uma propriedade pertencente ao presidente do parlamento bordelês;
2. O perfeccionismo do fabricante - a sua elevada posição social permitia-lhe limitar a sua colheita a fim de o vinho adquirir mais força e sabor: rejeitava a uva bolorenta ou podre e o vasilhame de pior qualidade;
3. Disponha de uma prensa - fabricando vinhos de prensa que adicionava aos vinhos dando-lhe mais cor e carácter;
4. Também é possível que deixasse ficar o vinho nos cascos durante um maior período de tempo que os seus concorrentes;
5. Podia usar sempre cascos novos e mantê-los sempre cheios até ao batoque;

Seja por estas ou outras razões, Bordéus começa a ganhar fama entre a aristocracia britânica e os seus vinhos de marca distinguem socialmente e de tal maneira que, o filósofo inglês John Locke, que visitou Haut Brion em 1677, classificou a vinha que visitou

como um lugar onde não parecia nada nascer, mas deixou a impressão escrita de que os elevados preços pagos pelos vinhos do Médoc não passavam de uma tonteria britânica.

Porém, tonteria ou não, chegados ao século XVIII, os vinhos de Bordéus ganham uma importância que se volta a ler nos números da produção média anual:

1728 – 1733 – 57.000 Toneis
1784 – 1789 – 89.000 Toneis
1789 – 1800 – 128.000 Toneis

De resto, sabe-se que 60% dos vinhos exportados por Bordéus eram consumidos nos mercados do norte da Europa e que, entre 1775 e 1780, essa percentagem aumenta para os 74% (1968, 246).

Os Châteaux bordaleses multiplicaram-se pelos terrenos que hoje ganharam denominação de origem na grande região vinícola de Bordéus: Médoc, Bourgeais, Bayais, Saint-Émilion, Graves, Pessac, Sauternais e Entre deux Mers:



Muito embora desde o século XVII se conhecessem tentativas de regulamentação do vinhedo bordelês com vista à promoção da sua qualidade, tendo sempre como protagonistas os proprietários vinhateiros e negociantes, são os primeiros a dar aos segundos a noção de *grand vin* e *seconde vin*, o que fez com que nos inícios do século XVIII, Haut-Brion, Margaux, Latur, Lafitte, etc. se distingam com base nesse critério (2001, 166). Contudo, só a partir de 1935, malgrado algumas tentativas verificadas em 1899, se define a região demarcada de Bordéus assente no *Jurade de Saint Emillion, Sénéchaussée, Bordeaux*, etc. (2001, 145).

É também na centúria de setecentos que Bordéus, graças ao dinamismo comercial dos produtores e negociantes institui a sua Câmara de Comércio (1705) (2001,9). O Porto só conheceria idêntico organismo em 1834, a Associação Comercial, herdeira da Juntina, congregação de homens de negócio do Porto de finais do século XVIII, mesmo assim a mais antiga organização do género no país. À semelhança de Bordéus, na sua fundação empenharam-se negociantes de vinho do Porto (Serén e Pereira 2000, 423-424).



Fig. 2 Câmara de Comércio de Bordéus

1.2. Porto

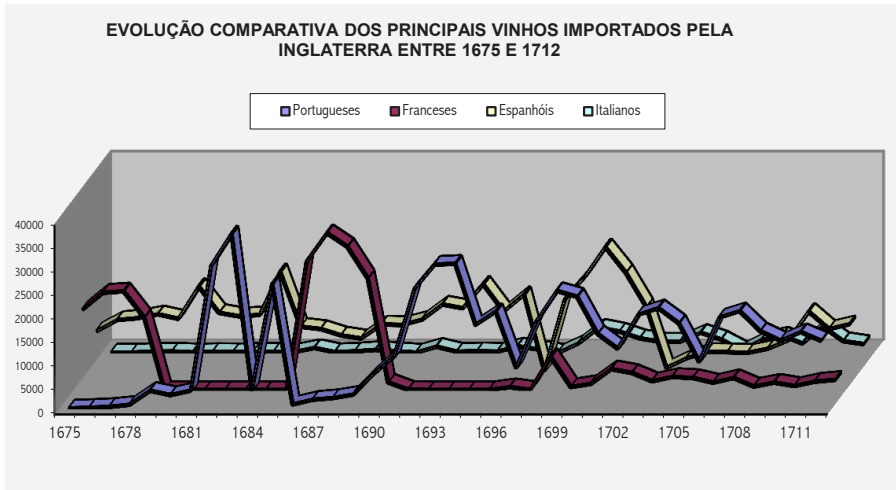
Os vinhos do Porto (Douro) tornam-se pela primeira vez conhecidos nas Ilhas Britânicas na segunda metade do século XV (1460) através da descrição do barão de Rozmital, um checo que visitou o Alto-Douro caminhando pelas terras do Freixo de Numão a Torre de Moncorvo. No relato que deixou refere que no sopé das montanhas havia vinha, amendoeiras e figueiras e dá nota de que o vinho que aí se fazia era designado “*Vinho de*

Grécia” e feito esmagando uvas tintas maduras como passas (Francis 1972, 19). Contudo, no século XVI a preferência inglesa pelos vinhos de Bordéus no mercado britânico manteve-se, isto apesar de a vitivinicultura portuguesa nessa época ter registado a mesma evolução daquela que é conhecida em Espanha, ou nos outros países europeus produtores de vinho. Nessa altura já muitas embarcações nacionais e estrangeiras carregavam e transportavam vinhos portugueses que cruzavam todos os mares, certamente também vinhos do Douro, a crer no testemunho de Rui Fernandes (1531-1532), que fala da sua extracção para outros reinos, sem ignorar que alguns se destinavam ao consumo dos marinheiros. Os britânicos com eles tomaram contacto e disso ficaram muitos testemunhos² embora não se tenha estabelecido entre o Porto e os portos ingleses um comércio regular, nem parecido, com o que Bordéus há muito assegurava. Apesar da forte concorrência que se estabelece no mercado vinícola internacional ao longo do século XVII, durante o reinado de Jaime I (1603-1625), a Inglaterra mantém preferência pelo consumo de vinhos provenientes de Bordéus. No entanto vinhos espanhóis e mesmo franceses de outras regiões começaram a ganhar mercado aos vinhos de Bordéus. Os vinhos portugueses, que no reinado de Carlos I (1625-1649) chegavam a Inglaterra juntamente com outros produtos como açúcar, sal, tabaco e frutas do sul do país, continuaram a entrar sob a denominação comum aos vinhos de Espanha (Francis 1972, 58). Os vinhos da Madeira eram a excepção, alcançando em 1657 alguma expressão naquele mercado (400 toneis nesse ano) e certamente algum vinho português e do Porto chegava já aos portos ingleses, a coberto da denominação de origem: Espanha.

Foi preciso esperar pela segunda metade do século XVII para que os vinhos portugueses, na sua maior quantidade oriundos da cidade do Porto começassem a sua saga conquistadora do mercado inglês até aí coutada bordalesa.³

2 Testemunhos que dão uma noção de que entre 1402 e os finais do século XVI, muitos contactos houve entre os vinhos de Portugal e os ingleses. De facto, inúmeros navios portugueses carregados com vinhos foram interceptados nos mares. Por outro lado, algumas compras de vinhos foram efectuadas por mercadores britânicos em Portugal. Durante o período filipino, algumas embarcações portuguesas com vinhos destinados à armada de Ferrol, caíram também nas mãos dos britânicos. (Francis 1972, 214-2169).

3 A. Guerra Tenreiro (1941) citando elementos extraídos de “*Commercial relations*”, Shill e Chapp, bem como elementos de “*Épocas de Portugal Económico*”, “*La France Economique au XVIII Siècle*”, H. Sée e “*Provas de Verdade contra Provas de vinho*” de Forrester. Os dados relativos a Portugal incluem o vinhos do Porto. Os dados relativos a estes vinhos, posteriores a 1700 inclusive são dos Livros da *Imposição do Vinho*. *Salientamos que em relação aos números relativos à importação de vinhos espanhóis, os que o autor apresenta não coincidem com os apresentados por GORDON, Manuel Maria Gonzalez, o. c., p. 72-73. São os seguintes: 1700 - 27.298; 1701- 22.268; 1702 - 14964; 1703 - 2.718; 1704 - 6.040; 1705 - 6.022; 1706 - 5548; 1706 - 5.548; 1707 - 6.454; 1708 - 7980; 1709 - 9.808; 1710 - 17.182; - 1711 - 13.572 e 1712 - 11.380 pipas. Estes valores, situados bastante acima dos valores apresentados por Guerra Tenreiro, apresentam no entanto a mesma tendência de flutuação. Optamos por usar as cifras do autor português, uma vez que à excepção dos valores relativos aos vinhos do Porto, que como já se disse corrigimos em função das nossas fontes, usamos os dados comparativos por ele apresentados relativamente às importações pela Inglaterra de vinhos franceses e italianos, no período em apreço.*



Como se pode avaliar pelo gráfico que representa a evolução comparativa dos principais vinhos importados pela Inglaterra, distribuídos por nacionalidade da sua origem entre 1675 e 1712, o vinho francês quase desapareceu dos mercados ingleses nos anos de 1679 a 1699, exceptuando os anos de 1686 a 1689, em que importação de vinhos de França teve algum significado. De facto, a subida ao trono em 1685 do monarca católico, Jaime II, ter-se-á reflectido no diminuir da tensão nas relações anglo-francesas (Simon 1934, 100). O mercado inglês para os vinhos franceses dá sinais de crescimento depois da Guerra da Liga de Augsburg (1689-1697), mantendo-se baixa a presença dos vinhos franceses em Inglaterra novamente a partir de 1701, início da Guerra da Sucessão de Espanha (1701-1712). Ou seja, foi esta a oportunidade para que os vinhos portugueses e em particular os vinhos do Porto destronassem os Bordéus em Inglaterra. De resto, a partir de 1693 a diferença de taxas alfandegárias 22 libras por cada pipa para os vinhos franceses contra apenas 17 libras, por igual unidade, posta nos vinhos de Portugal e de Espanha, diferença agravada em 1696 para as 47 libras (para mais do dobro) por pipa, numa altura em que os bordaleses tentavam reconquistar o seu mercado tradicional, deu aos vinhos portugueses e em particular aos do Douro a oportunidade esperada. Por isso, em 1703, quando o Marquês de Alegrete e John Methuen assinaram o tratado que tomou o nome do embaixador inglês em Lisboa (Serrão 1982, 229-230), pouca eficácia se lhe pode reconhecer no reforço da posição dos vinhos do Douro no mercado inglês, já que a conjuntura lhes era muito favorável.

Entre 1698 e 1715, os mercados vinícolas estabilizaram e os vinhos portugueses e, particularmente os vinhos do Porto, lograram ganhar a preferência do consumidor britânico. A qualidade dos vinhos de Monção e do Douro que os ingleses instalados em Viana do Lima e na cidade do Porto apreciavam, associada à regularidade do abastecimento do

mercado inglês, foram factores decisivos no triunfo dos vinhos do Porto sobre os *claret* bordaleses.

2. Pontes de contacto em tempos medievos

Mas, o encontro entre estas duas cidades do mundo, não no plano concorrencial, começa já em tempos medievos. Olhando as relações comerciais com o Porto desse período, La Rochelle foi desde o século XII o porto mais significativo nas trocas. Durante o século XIV há apenas episódicas referências a mercadores portugueses em Bordéus, isto apesar de, ao tempo de Eduardo III de Inglaterra, o mercador portuense Afonso Martins, de alcunha o *alho*, na qualidade de representante de um conjunto de cidades mercantis nacionais e, em nome do Rei de Portugal, tenha assinado o primeiro tratado de comércio com a Inglaterra (1353) visando protecção mútua no que toca ao corso e à pirataria (Sousa 1994, 237), males que impediam o fluxo comercial regular entre os dois reinos. A longa guerra entre franceses e ingleses, ocorrida a partir de 1383 e depois de celebrado o tratado de Windsor (1386), os portugueses, e consequentemente os portuenses, foram colocados no segmento dos inimigos de França. Contudo, até ao século XVI, as mercadorias que o Porto importava e exportava de La Rochelle, dão nota de que este era o porto francês através do qual mais se negociava com aquele país (Ramos 1986, 13-14).

Contudo, o porto do Porto, frequentado por comerciantes de várias nacionalidades desde os alvares do século XVI em busca dos produtos coloniais que aqui afluíam, não deixou de ser também apetecido para os mercadores franceses. A criação do Tribunal de Presas em Baiona (1537), testemunha as relações comerciais pouco pacíficas entre os dois países, às quais o Porto, cidade portuária do norte, não ficou indiferente. A par, Bordéus e outros portos franceses, tinham recebido um número significativo de Judeus portugueses ligados à mercancia. Em 1597, numa carta régia francesa, fala-se de cristãos novos, dos seus negócios e da forma de os proteger (Ramos 1986, 14). Já no século XVIII, como é demonstrado nos *Registos das Deliberações da nação judaica Portuguesa de Bordéus*, estamos perante uma comunidade de origem portuguesa reconhecida enquanto tal, muitos rumaram do Porto.

Ferro, breu, bacalhau, fardos de baetas, linho, lonas, lã, lonas e papel eram alguns dos produtos que mais frequentemente estes mercadores traziam à cidade, levando daqui as mercadorias que o Porto oferecia, colhidos na sua área de influência e em particular os que aqui chegavam com origem nas ex-colónias.

3. Negócios entre o Porto e Bordéus em Tempos Modernos

Mas não foram muitos, ao longo da primeira metade do século XVIII, os navios que chegaram à cidade do Porto tendo como origem os portos franceses. Olhando os registos

dos Livros de Visitas de Saúde aos navios que entraram na barra do Douro entre 1704 e 1747, contabilizamos apenas 41 (Rau 1958, 16)⁴ com origem nos portos de Baiona e Bordéus, Nantes, La Rochelle e Ruão. De *Baiona de França*, o Porto continuava a receber sobretudo o breu e o alcatrão, como mercadorias predominantes. Contudo, o ferro⁵, as meias e alguns fardos de lã também daí nos chegaram⁶. No século XVIII, a própria natureza das relações internacionais que o nosso país mantinha, privilegiando a sua aliança com a Inglaterra, determinou o esmorecer das ligações com o porto francês de La Rochelle. Ainda assim, pelo menos 13 embarcações com essa proveniência entraram a barra do Douro. Contudo, apenas um veio consignada a um mercador do Porto, trata-se de Manuel Azevedo Silva, a quem se destinou o navio “*São Pedro*”, com carga de cevada, visitado em 9 de Setembro de 1745. Todos os restantes foram consignados a mercadores holandeses e ingleses a operar na cidade. Que mercadorias trouxeram ao Porto? Papel⁷, vidros⁸, mas sobretudo cevada⁹ e algum trigo¹⁰. Os cereais foram ainda a mercadoria que com mais frequência o Porto recebeu de Nantes, sobretudo trigo ou centeio, a que se juntam o vinagre¹¹ e o papel, bem como alguma aduela e linho¹². Já de Ruão, vieram sobretudo vidros¹³, mas também papel¹⁴, caixões com chapéus¹⁵ e fardos de fazendas não especificadas¹⁶.

Neste período, a História da cidade de Bordéus está marcada pelo desenrolar da conflitualidade entre a França e a Inglaterra no contexto da guerra da Sucessão de Espanha. Por isso, entre 1704 e 1714¹⁷, face à posição portuguesa na contenda, à semelhança do que sucedeu com os outros portos franceses de Bordéus não veio ao Porto qualquer navio. O primeiro navio procedente de Bordéus entrou na barra do Douro em 4 de Março de 1716. Trata-se do navio *Sam Carlos*, que trazia carga de breu, consignada ao mercador

4 Virgínia Rau, no cômputo dos 30 anos que analisou 1733-1743 e 1764-1784, não contabilizou mais de 50 navios oriundos dos portos franceses de Baiona e Bordéus (Rau 1958, 16).

5 AHMP, L. 445, *Visitas de Saúde*, fls. 397.

6 AHMP, L. 446, *Visitas de Saúde*, fls. 390 v.

7 AHMP, L. 443, *Visitas de Saúde*, fls. 347 v.

8 Não sabemos se garrafas, frascos ou mesmo vidros em chapa. AHMP, L. 444, *Visitas de Saúde*, fls. 3 v.

9 AHMP, L. 445, *Visitas de Saúde*, fls. 23 v.

10 Idem, *Ibidem*, fls. 111 v.

11 AHMP, L. 450, *Visitas de Saúde*, fls. 62.

12 Idem, *Ibidem*, fls. 116 v.

13 AHMP, L. 444, *Visitas de Saúde*, fls. 43.

14 AHMP, L. 447, *Visitas de Saúde*, fls. 106 v.

15 AHMP, L. 449, *Visitas de Saúde*, fls. 198 v.

16 AHMP, L. 462, *Visitas de Saúde*, fls. 85.

17 O primeiro navio francês a entrar a barra do Douro, foi proveniente de Nantes. Trata-se do “*adversidade*”, com carga de vidros, que foi visitado em 17 de Fevereiro de 1714, cuja carga veio consignada ao mercador holandês Diogo Herants. AHMP, L. 444, *Visitas de Saúde*, fls. 43

portuense Manoel Francisco Lima¹⁸, morador a *São Francisco*, exportador de vinhos para o norte e para a colónia do Brasil¹⁹. Torna-se evidente que o Porto não carecia de vinhos de Bordéus, daí vieram sobretudo o breu e as resinas²⁰, algum ferro e caixas de queijo²¹, bem como o milho²² e outros cereais²³.

O quadro abaixo dá conta da presença de mercadores franceses na cidade do Porto ao longo da primeira metade de setecentos:

MERCADORES FRANCESES NO PORTO (1704-1747)		
NOME	ANOS	N.º DE NAVIOS
BERNARDO CLAMOUSE	1720 - 1747	79
BERNARDO PLUMU & C. ^a	1721 - 1722	4
FRANCISCO VELHOM	1723	1
LUÍS FILIPE & C. ^a	1733 - 1735	6

A lista é diminuta e apenas um destes mercadores se destaca pelo número de navios que fez entrar a barra do Douro com mercadorias a si consignadas: trata-se de *Bernardo Calamus* que recebeu mercadorias de 79 navios entre 1720 e 1747. A firma que este francês integrou na cidade do Porto *Bernard Calamus (Clamouse) & C.^a*, destacou-se pouco no que se refere ao negócio vinícola²⁴. Os seus negócios de grosso trato na cidade, antes de se firmarem durante a segunda metade do século XVIII, no grande negócio de importação e exportação de “sedaria” peças de seda, galões de ouro e prata, fazendas ricas e objectos de luxo (Alcochete 1957, 339), assentaram primeiro no breu, no ferro, nos fardos de lã, nos cereais e no papel que fizeram chegar ao Porto, sobretudo através do porto francês de Baiona, mas também de Bordéus:

18 AHMP, L. 444, *Visitas de Saúde*, fls. 286

19 AHMP, L. 1322, *Imposição do Vinho*, fls. 132; AHMP, L.1327, *Imposição do Vinho*, fls. 105 e AHMP, L.1328, *Imposição do Vinho*, fls. 59.

20 AHMP, L. 445, *Visitas de Saúde*, fls. 21.

21 Idem, *Ibidem*, fls. 90.

22 AHMP, L. 446, *Visitas de Saúde*, fls. 110.

23 Por exemplo em 8 de Maio de 1723, consignado a Diogo Herants & C.^a chegou ao Porto o navio por invocação o “*Maria Francesa*”, vindo de Bordéus com trigo, centeio e cevada. AHMP, L. 447, *Visitas de Saúde*, fls. 31.

24 No que se refere ao negócio dos vinhos, foi fraca a sua participação, manifestou apenas 14 pipas de vinho em 28 de Junho de 1723, que vieram Douro abaixo a bordo do barco pequeno do arrais Manoel de Almeida Osório, das quais apenas pagou \$290 réis de Imposição, relativos a duas pipas. A restante 26 exportou-as para o norte - AHMP, L. 1338, *Imposição do Vinho*, fls. 205 v.

PORTOS DE ORIGEM DOS NAVIOS CONSIGNADOS BERNARDO CALAMUS (CLAMOUSE) & C.^a (1720-1747)	
PORTOS	N.º DE NAVIOS
Baiona de França	26
San Sebastian	4
França (sic)	3
Ruão	3
Diepre	1
Roterdão	3
Bordéus	4
Lisboa	6
Irlanda	2
Hamburgo	6
Inglaterra (sic)	1
Londres	1
Bilbau	5
Biscaia (sic)	1
Riga	1
Marselha	1
Ave de Gratia	1
Pinzance (sic)	2
Nantes	1
Não indicado	5

Temos notícia de que a firma *Bernardo Plumum & C.^a*, igualmente de origem francesa, permaneceu no Porto apenas entre 1721 e 1722. *Bernardo Plumum*, seu fundador foi cônsul daquela nação na cidade²⁵. Neste caso, as suas ligações comerciais privilegiaram Bordéus de onde importou três navios com carga de cereais²⁶. Dedicou-se ainda à importação de ferro e breu²⁷. Desconhecemos o que levava da cidade do Porto mas com certeza não foram vinhos já que não registamos a sua presença em nenhum dos registos da Imposição do Vinho no Porto, pelo menos durante a primeira metade do século XVIII. Certamente interessaram-lhe mais os produtos coloniais que a cidade oferecia.

25 AHMP, L. 446, *Visitas de Saúde*, fls. 199.

26 AHMP, L. 446, *Visitas de Saúde*, fls. 109 e 110.

27 AHMP, L. 446, *Visitas de Saúde*, fls. 199.

3.1. A afirmação de uma burguesia urbana fincada na agro-indústria dos vinhos

As cidades do porto e Bordéus criaram desde muito cedo uma burguesia que se ligou ao sector produtivo dos vinhos. Se no Porto, o primitivo senhorio da cidade, D. Hugo, que lhe concede foral em 1123, já isenta de impostos, durante cinco anos, os moradores da cidade que plantassem vides e a Mitra se tornou desde cedo, proprietária de dois terços da renda da Régua, em Bordéus o Bispo respectivo e as abadias do Sudoeste, perseguiram idênticos objectivos (Roudié 2006, 49).

Mas não foram os negócios que, nos alvares da Época Moderna, aproximaram Porto e Bordéus, mas antes o ambiente cultural da época. Nessa altura, rumou à cidade do estuário do Garonne o humanista português André de Gouveia que havia ingressado antes (1529) no Colégio de Santa Bárbara de Paris, dirigido pelo seu tio Diogo de Gouveia. André ainda chegou a reitor deste colégio parisino, mas foi-o apenas durante um ano. Rumou em 1537 para o Colégio de Guienne onde permaneceu até ao seu regresso a Portugal para, na companhia de mestres estrangeiros, dirigir o Colégio das Artes e Humanidades em Coimbra (1542), afinal a Universidade que o Porto usou até ao século XX. Ficou célebre desta sua permanência em Bordéus o escrito que endereçou ao seu tio Diogo desafiando-o, dizendo-lhe: “falgaria que me ouvisse, para ver se a Teologia, que se aprende pela Sagrada Escritura e pelos doutores da Igreja, não é melhor [que] a sua Teologia sofisticada, que se aprende por *Sententias*...” (Cidade 1968, 175-176), referia-se ao ensino no colégio bordelês de que era responsável. Sentia-se aqui a “*farinha de Lutero*” (Idem).

Já no século XVIII, a burguesia enriquecida de Bordéus, um pouco à semelhança do que acontece noutras cidades francesas e certamente inspirada na Royal Society de Londres fundada em 1662, instituiu a Academia Real das Ciências, Belas Letras e Artes em 1712 (1968, 9). No Porto esta abertura de raiz burguesa para os assuntos científicos e culturais só conhecerá em 1748 alguma expressão na *Academia Portopolitana Médico-Cirúrgica*, fundada por Manuel Gomes de Lima

Se em Bordéus os diversos châteaux se multiplicaram nos arredores da cidade no meio das grandes propriedades vitícolas de membros da nobreza e da burguesia aristocrática que reside na cidade e possui extensões consideráveis de vinha nos terrenos marginais ao Garonne, o Porto serve de residência à nobreza fundiária e a uma burguesia comercial assente no negócio vinícola que procura por essa via ascender socialmente, que vai edificando as quintas do vale do Douro, patrimónios que importa conhecer valorizar e preservar enquanto veículos de uma história impossível de encaixar em qualquer museu. A ligar as unidades produtivas das duas regiões e as cidades que deram nome aos vinhos produzidos nas respectivas áreas de influência, as águas do Garonne em Bordéus e do Douro no Porto por onde circularam embarcações com alguma afinidade construtiva como soube ler Octávio Lixa Filgueiras (1986, 147).

4. A concluir

Bordéus e o Porto têm a ligá-las um passado assente no desenvolvimento do sector da agro-indústria dos respectivos vinhos. Os paralelismos na evolução destas duas urbes encontram-los no seu passado clássico e medievo, mas igualmente no desenvolvimento que foram conhecendo, sobretudo a partir do século XVI, altura em que os destinos de ambas as cidades se vão cruzando nos caminhos comerciais que se abrem com os descobrimentos portugueses.

Nesses tempos a cidade francesa foi servindo de refúgio para portugueses de origem judaica que D. João II e D. Manuel impediram de permanecer nos portos comerciais do reino, constituindo uma comunidade de origem portuguesa onde também se inseriram judeus portuenses. Bordéus, desde os tempos medievos foi fortemente influenciada pelas Ilhas Britânicas tornando-se refém delas, enquanto mercado monopolista do comércio para os seus vinhos. Idêntico papel estaria reservado mais tarde (Tempos Modernos) para a cidade do Porto, quando os Ingleses que nela se instalaram dominaram todo o seu comércio, igualmente assente na exportação vinícola. É também nessa altura que os vinhos do Douro sob a designação Porto destronam no mercado britânico o monopólio bordelês e as cidades se tornam rivais no plano económico. Contudo, são centros urbanos voltados ao Atlântico, o mesmo é dizer ao mundo através das barras do Garonne e do Douro, rios sulcados por embarcações com raízes comuns e usadas na mesma finalidade, o transporte de vinhos. Por isso, acolheram no seu seio armazéns e casas de morada de um considerável número de proprietários nobres e mercadores enriquecidos que constituíram uma burguesia que se procurou instalar nos respectivos órgãos políticos locais. A sua base de apoio financeiro cedo se ligou às unidades de produção que como dissemos em Bordéus se designam *Châteaux* e que no Douro tomaram o nome de Quinta, testemunhos patrimoniais interessante de duas cidades capitais mundiais de grandes vinhedos.

Bibliografia primária

AHMP, L. 443, *Visitas de Saúde*, fls. 347 v.

AHMP, L. 444, *Visitas de Saúde*, fls. 3 v., fls. 43.

AHMP, L. 445, *Visitas de Saúde*, fls. 23 e 397.

AHMP, L. 446, *Visitas de Saúde*, fls. 390 v.

AHMP, L. 447, *Visitas de Saúde*, fls. 106 v.

AHMP, L. 449, *Visitas de Saúde*, fls. 198 v.

AHMP, L. 450, *Visitas de Saúde*, fls. 62.

AHMP, L. 462, *Visitas de Saúde*, fls. 85.

AHMP, L. 1338, *Imposição do Vinho*, fls. 205 v.

Bibliografia secundária

- “Bordeaux au XVIII siècle”. *Histoire de Bordeaux* 5. Dir. François Georges Pariset; avec la collaboration de P. Becampe (et au). Bordeaux: Fédération Historique du Sud-Ouest, 1968.
- “Bordeaux et ses vins classis par ordre de mérite dans chaque commune”. *Histoire de Bordeaux*. Dir. Bruro Boidon et Mark Henry le May, Bordeaux: Féret, 2001.
- Alcochete, Nuno Daupias de. “Os Guimarães da Rua Nova dos Ingleses”. *O Tripeiro*. V Série, Ano II, n.º 11, Março, 1957.
- Cidade, Hernâni - *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*. 1ºvol.. Coimbra: Coimbra Editora, 1968.
- Filgueiras, Octávio Lixa – “Embarcações Bordalesas e os Barcos do Douro”. *Actas das 1.ªs jornadas de Estudo Norte de Portugal/Aquitânia*. Porto: CENPA – Centro de Estudos Norte de Portugal/Aquitânia, 1986. 147-170.
- Francis, Alan Davis. *The Wine Trade*. London: Adam and Charles Blackie, 1972.
- Ramos, Luís A. de Oliveira – “Relações Históricas entre o Porto e Bordéus”. *Actas das 1.ªs jornadas de Estudo Norte de Portugal/Aquitânia*. Porto: CENPA – Centro de Estudos Norte de Portugal/Aquitânia, 1986. 11-19.
- Roudié, Philippe – “Naissance et croissance de le Viticulture urbaine”. *As Cidades do Vinho*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Centro de Estudos de História do Atlântico, 2006. 47-58.
- Serén, Maria do Carmo, Pereira, Gaspar Martins – “ O Porto Oitocentista”. *História do Porto*. Dir. Luís Oliveira Ramos. Porto: Porto Editora, 2ªed., 2000. 423-424.
- Serrão, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Vol. V, 2ª edição, Lisboa: Verbo, 1982.
- Simon, André L., *Wine and the Wine Trade*, London: Sir Isaac Pitman & Sons, Ltd., 1934.
- Sousa, Armindo de. “Tempos Medievais”. *História do Porto*. Dir. Luís A. de Oliveira Ramos. Porto: Porto Editora, 1994. 120-253.
- Tenreiro, A. Guerra. *O Douro*. Águeda: Tip. Aguedense, 1941.
- Trevelyan, G.M. *História Concisa de Inglaterra*. Vol. I. Mem Martins: Europa-América, 1990.
- Rau, Virgínia – “O Movimento da Barra do Douro durante o século XVIII: uma interpretação”. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. Vol. XXI, fasc. 1 e 2. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1958.